



FILOSOFIA E ESTRATÉGIA MILITARES: UM PARALELO ENTRE ALEXANDRE, O GRANDE E SUN TZU

Luan Lucas Araújo Morais¹
Marcelo Augusto Muniz Figueiredo²

Resumo: Este artigo pretende apresentar e discutir as estratégias militares utilizadas por Alexandre, o Grande durante a Batalha de Gaugamela (331 a.C), que culminou na conquista do Império Persa pelo imperador macedônico. Baseadas numa apropriação filosófica-militar essas ações ilustravam a postura e as formas de abordagem militar e cultural empreendidas por Alexandre e seu exército mediante situações de conquista. A partir do tratado militar “A Arte da Guerra”, de autoria do general chinês Sun Tzu, estabeleceremos um panorama comparativo das ações e dos valores que o líder descrito por Tzu deve possuir e o conjunto de decisões elaboradas e tomadas por Alexandre e seu exército para subjugar o inimigo persa. A concepção do termo “imperialismo” contido no contexto da Antiguidade Clássica e sua respectiva apropriação pelo exército macedônico também ajudará a descrever mais precisamente as ações do exército macedônico e suas conquistas.

Palavras-chave: Alexandre; Estratégia militar; A Arte da Guerra.

Introdução: Considerações sobre Imperialismo no Mundo Antigo

A discussão em torno da concepção do termo “imperialismo” nos remete à uma análise mais profunda acerca da significação desta palavra e sua associação quase que imediata com a noção de um termo “exclusivo” e relacionado especialmente com o desenvolvimento de uma fase específica do sistema capitalista.

Tal ligação é familiarizada pelos fenômenos resultantes da expansão política e econômica empreendidas pela Europa e Estados Unidos no século XIX, que ansiavam por um novo modelo de sociedades baseadas nos valores etnocêntricos – sobretudo europeus – evolucionistas e segregacionistas. O entendimento contemporâneo que o termo emprega é o de um sistema de exploração e acumulação de capitais que possui, quase que necessariamente, um determinado grau de dominação política, seja com intervenção militar direta ou até mesmo com atuações indiretas que interferem nos assuntos internos dos países

¹ Mestrando em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), sendo aluno do Mestrado Acadêmico em História e Culturas (MAHIS/UECE). Atualmente bolsista de pós-graduação pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e membro pesquisador do Grupo de Pesquisa em Cultura Escrita e Oralidade na Antiguidade e no Medievo (ARCHEA/UECE). E-mail: luanlucas7@hotmail.com

² Graduando em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: augusto_muniz12@hotmail.com

sob julgo. Segundo Norberto Luiz Guarinello, no componente principal da dominação imperialista no sentido contemporâneo:

[...] permanece o fato essencial de que seus mecanismos de concentração são essencialmente econômicos, ou seja, ocorrem pelo contato forçado entre nações com modos de produção ou níveis de desenvolvimento capitalista diferentes. A interferência de fatores político-militares dá-se na constituição e manutenção desse contato em tais condições, mas, ao contrário do que acontecia com o antigo sistema colonial, não é a responsável direta pela transferência de riquezas da periferia para o centro. (GUARINELLO, 1991, p. 8).

Porém, esta premissa não está consonante com a realidade do mundo antigo. A associação imediata que os historiadores tradicionalmente fazem entre as duas épocas não leva em consideração as particularidades de cada período histórico. O elemento do poder - legitimado pela cultura - não está presente, o que pode se entender por um exacerbado culto a questão da economia e sobretudo da política.

Moses Finley destaca bem a importância destinada a estes dois elementos: “[...] um Estado pode ser denominado imperialista se, em qualquer momento, exerceu autoridade sobre outros Estados (ou comunidades ou povos), visando a seus próprios fins e vantagens, quaisquer que tenham sido estas últimas [...]” (FINLEY, 1978, p. 56). Essa definição, entretanto, não é suficiente para explicar os diversos meios que caracterizam de fato a dominação de um povo sobre outro. Lutas internas presentes no Estado dominante, por exemplo, são situações que exigem e pressupõe uma relação mais estreita e cuidadosa em relação às populações subjugadas.

Sobre as medidas e as estruturas do imperialismo nas civilizações antigas, um dos aspectos centrais pode ser observado no elemento bélico presente durante boa parte dos esforços expansionistas empreendidos pelas grandes cidades-Estado e, posteriormente, pelo Império Romano. De fato, a relação entre o imperialismo e poder é acentuada pela forma na qual as grandes potências imperialistas da época impunham aos povos dominados, atentando-se para a manutenção gradativa e perene de um aparato político e estrutural que permitia a fixação desse modelo nos territórios conquistados:

O imperialismo antigo manifesta-se através do estabelecimento de um diferencial de poder, obtido ou não por meio de ação militar direta – cuja possibilidade consubstancia e assegura esse poder – e que proporciona um fluxo centrípeta de bens para a cidade-Estado em expansão. Trata-se, assim, sempre da relação entre um centro acumulador – o centro do poder - e uma periferia submetida e explorada. [...] A exploração é aí, quase sempre, espoliação, exação direta de tributos, não apenas garantida, mas exercida e obtida por meio da força bruta ou da ameaça de seu emprego. Tal fato, corresponde, em certa medida, às formas de exploração do trabalho na antiguidade clássica, baseadas no controle político de uma massa trabalhadora dependente. (GUARINELLO, 1991, p. 11-12)

Durante o processo de expansão macedônia à época do reinado de Alexandre (330-323 a.C), este trará uma nova concepção no que tange o imperialismo antigo. Para melhor

consolidar seu domínio utilizará de métodos até então descartados pelo modelo imperialista “clássico”. Basicamente, o que o jovem general macedônio fez foi conciliar os interesses gregos com os dos povos submetidos à sua bandeira, sem, porém, deixar de aplicar a força necessária onde fosse preciso.

A política imperial e inovadora de Alexandre pode resumir-se de seguinte modo: “[...] O poder imperial pode se expandir por meio de alianças razoavelmente igualitárias (mas que o são progressivamente menos), protetorados, zonas de influência, etc., até a submissão total ou destruição do adversário, com ocupação de seu território [...]” (GUARINELLO, 1991, p. 12). Ademais, os ecos da política e do assentamento de uma cultura “helenística”³ foram sensivelmente alterando a paisagem cultural, política e econômica dos protetorados alexandrinos no Oriente, visto que em contraposição ao regime imperialista empregado anteriormente:

[...] a maior parte das regiões conquistadas manteve sua língua e cultura local, integrando-se ao mundo dos conquistadores. [...] Ao mesmo tempo expandiu-se o uso do grego como língua franca e de elite por toda parte da bacia do Mediterrâneo, e hábitos propriamente gregos, como o teatro, o ginásio, os esportes atléticos e os templos de influência grega se espalharam pelo mar oriental – muitas vezes reinterpretados pelas populações locais. Esse é um fator essencial: ser grego deixou de ser uma identidade étnica para tornar-se uma identidade cultural, símbolo do poder e da distinção das elites. (GUARINELLO, 2013, p. 121-122)

Desse modo, tais alterações fazem parte da filosofia militar de conquista empregada por Alexandre e seus generais durante toda a campanha expansionista do imperador macedônio ainda na Hélade e no Oriente. Tal modelo deve ser compreendido, porém, dentro do contexto e como fruto direto dos processos políticos que permitiram a expansão do próprio império macedônico dentro do território grego, liderada pelo antecessor, e pai de Alexandre, Filipe II da Macedônia.

O Imperialismo Macedônio: Filipe II e Alexandre

A Macedônia de Filipe e Alexandre era uma localidade periférica ao norte da Grécia cercada por montanhas, lar de um povo caracterizado pela sua estrutura tribal e predominantemente agrária, mas que ainda preservava os frutos de uma grande relação social e comercial com a extinta civilização creto-micênica. Entretanto, para os gregos “[...] Os macedônios pertenciam [...] a povoações espalhadas por todo o território helênico, mas que os helenos – cujo desenvolvimento intelectual e político as havia ultrapassado amplamente –

³ O uso da acepção e do próprio termo “helenismo” deve ser utilizado com devido cuidado, visto que as medidas e as consequências diretas do domínio alexandrino sobre a Hélade (de onde provém o termo) e o Oriente se pautaram pela manutenção dos costumes e hábitos culturais locais. Ao falarmos de um processo de “helenização” do Oriente, estamos abordando o fato de que os costumes gregos se expandiram e vieram a estabelecer trocas culturais entre as novas elites cidadinas dominantes nos territórios anexados (LÉVÊQUE, 1987). Ainda sobre isso, Guarinello aponta que “[...] nas artes, na religião e nos costumes, é mais correto falar de intensificação das trocas culturais e da criação de uma cultura nova, com elementos provindos de todas as partes. Muitos arqueólogos e historiadores se referem a esse processo, hoje em dia, como uma ‘hibridização’ cultural” (GUARINELLO, 2013, p. 121).

tenham terminado por considerar como bárbaros ou semibárbaros [...]” (DROYSEN, 2010, p. 60). Mas como uma comunidade formada por “bárbaros”, com costumes tribais e hierarquizados por uma nobreza militar conseguiu com dois de seus mais importantes filhos dominar primeiramente toda a Hélade e posteriormente quase todo o mundo antigo?

O distanciamento entre a rural Macedônia e as cidades-Estado gregas facilitou o processo de expansão do império macedônio, pois “[...] Não existiam cidades, no sentido grego da palavra, nesse país aristocrático e camponês. As cidades do litoral eram colônias helênicas, municipalidades livres, conscientes do contraste que existia entre elas e o interior do país [...]” (DROYSEN, 2010, p. 63). A nobreza militar macedônia mantinha relações similares às existentes em todo o reino, fato que permitiu, em contraste com a total independência que as cidades gregas mantinham entre si, uma unidade política e social que facilitou a organização militar empreendida por Filipe II quando o mesmo colocou em prática seu projeto expansionista.

Além dessa unidade no campo militar, as campanhas de Filipe pelo território grego, para angariar apoio na luta contra o Oriente, tiveram êxitos satisfatórios culminantes na anexação de territórios estrategicamente provedores de capital para “comprar” o apoio e a simpatia dos helenos:

Os sucessos de Filipe foram devidos, antes de mais nada, à unidade dos objetivos, à rapidez da execução lógica dos atos. Estes passaram despercebidos dos gregos até o dia em que foi tarde demais para opor-se a eles. [...] Filipe ampliava a tal ponto suas fronteiras, no leste e no sul, que as montanhas de Filípi trouxeram-lhe minas de ouro, o litoral da Macedônia abriu-lhe acesso ao mar [posto-chave para combater a potência marítima de Atenas] e a tomada de Metona ofereceu-lhe uma saída para a Tessália. Grifo nosso. (DROYSEN, 2010, p. 47, grifo nosso)

O ouro e prata acumulados proveram a Filipe o capital necessário para armar, treinar e organizar seu exército. Sem dúvidas, o sucesso da empreitada militar de Filipe sobre a Grécia se deve ao fato das novas táticas militares que o mesmo aplicou ao seu exército. O general macedônio retomou o uso da cavalaria, que como “[...] uma arma aristocrática, anteriormente sempre subordinada os hoplitas⁴ na Grécia – foi renovada e ligada elasticamente à infantaria, enquanto esta perdia parte de seu equipamento pesado hoplita para a maior mobilidade e uso generalizado da longa lança em batalha [...]” (ANDERSON, 1987, p. 45). Após a conquista de península helênica em Queroneia (338 a.C), Filipe mirou seus olhos, forças e objetivos para uma campanha militar contra o maior império do mundo antigo àquela época: a Pérsia dos Aquemênidas.

Este vasto império oriental era formado por “[...] um mosaico de nações quase sempre

⁴ Inovação militar que os gregos aplicaram no decorrer do processo de formação da polis clássica. Consistia basicamente de uma infantaria pesada que se auto custeava. Geralmente, carregavam consigo espada, escudo, lança (no caso macedônico chamam-se *sarhissas*, longas lanças de 4 a 6 metros, que em formação de falange, garantiram o triunfo de Filipe em Queroneia e posteriormente, as várias vitórias de Alexandre), elmos, caneleiras e couraças fortemente revestidas de bronze. Cf. ANDERSON, Perry. **Passagens da Antiguidade ao Feudalismo**. Trad. Beatriz Sidou. 2ªed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

atingidas por uma apatia senil, incapazes de encontrar por si próprias uma forma de governo que lhes conviesse, indissolavelmente presas umas às outras pela autoridade do Grande Rei [...]” (DROYSEN, 2010, p. 53). A estrutura do império persa estava à beira do esfacelamento, devido à constante insatisfação dos sátrapas⁵ em relação ao julgo do Grande Rei, pois passaram a governar suas províncias de forma autônoma e também a reunir em torno de si partidários políticos municipais, o que em suma, caracterizava um relaxamento do poder central persa em relação aos seus vastos domínios.

A campanha contra a Pérsia era o grande sonho de Filipe, que desejava ver o gigantesco império subordinado às autoridades dos gregos, devido ao período em que toda a Hélade permaneceu sob a ameaça de invasão por parte dos orientais. Porém, o general não sobreviveu para ver seu objetivo concluído por seu filho, Alexandre, que desde pequeno crescido em um ambiente de constante preparação para essa campanha, nutria uma curiosidade e fascínio pela organização política, cultural e social do império persa.⁶

Plutarco comenta acerca dessa curiosidade do jovem herdeiro, quando este recebe alguns embaixadores persas na cidade de Pela:

[...] privando com eles, os conquistou pela cortesia de que usou e pela boa hospedagem que lhes proporcionou; e, como não lhes perguntasse nada de pueril nem de insignificante, mas os interrogasse sobre as distâncias existentes entre um lugar e outro, e sobre a maneira pela qual se ia mais depressa às altas províncias da Ásia, e sobre o próprio rei da Pérsia, como ele se portava com os inimigos, e que forças e poderio tinha, ficaram eles grandemente satisfeitos e mais ainda maravilhados; de maneira que não estimaram mais a eloquência e a vivacidade de espírito de Felipe, da qual se fazia tanta conta, em comparação com o instinto para todas as altas empresas e grandes feitos que prometia o natural de seu filho. (PLUTARCO, 2009, p. 8)

Desse modo, caberia a Alexandre a realização dos objetivos de Filipe, além de seus próprios. Com os problemas surgidos decorrente ao assassinato de seu pai - a sucessão real -, o jovem general teve que mostrar pulso para reunificar a dividida nobreza macedônia dispersa pelo falecimento de seu rei:

Os primeiros tempos de Alexandre estiveram longe de ser, como se pretendeu, ‘a simples tomada de posse de uma herança incontestada.’ O adolescente de vinte anos precisou provar desde o início que tinha força e as capacidades requeridas para o ofício de rei. Agarrou as rédeas do poder com mãos firmes e as perturbações se

⁵ Administradores das províncias persas (satrápias) que respondiam diretamente ao Grande Rei. Eram responsáveis pela organização e ordem de cada satrápia, além de subordinados à autoridade do monarca persa sendo em muitos casos, receptores de favores e contemplações devido ao seu desempenho administrativo satisfatório. Alexandre perpetua esse tipo organização política após derrotar os persas em Gaugamela (331 a.C).

⁶ Filipe foi assassinado em 335 a.C por Pausânias, um jovem nobre que frequentava a corte macedônia e recebia alguns favores do rei. Durante um dos banquetes promovidos por Filipe, o jovem foi gravemente insultado por um dos parentes do monarca e após o ocorrido, clamou justiça ao rei. Filipe apenas lhe deu alguns presentes e lhe ofereceu uma promoção, que seria entrar para a guarda real. Indignado com a postura de Filipe, Pausânias o apunhalou durante o festim nupcial da filha do rei macedônio, frente à toda nobreza da Macedônia. Alguns estudiosos atestam que o jovem foi apenas um mero peão – que guiado por seu rancor perante a injúria sofrida – manipulado por facções que desejavam a morte de Filipe e consequentemente a coroa macedônica. Outros, inclusive, apontam Olímpia, esposa legítima de Filipe e mãe de Alexandre, como a mente por trás do assassinio do rei. Sua relação conflituosa com Filipe e sua exacerbada proteção e influência condizentes à Alexandre fortalecem esta hipótese, que garantiria assim a passagem do trono macedônio ao herdeiro legítimo de Filipe. Cf. PLUTARCO. **Vidas Paralelas:** Alexandre & César. Tradução: Carlos Chaves. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 6-7.

dissiparam. Segundo o costume macedônio, convocou o exército para jurar fidelidade, pois só nome do rei havia mudado. (DROYSEN, 2010, p. 78-79).

Com o povo macedônio e o exército novamente ao seu lado, Alexandre volta-se agora ao velho inimigo: a Pérsia. Determinado a exterminar de forma definitiva a ameaça de invasão e domínio que o império oriental exerceu sobre a Comunidade Grega construída a duras penas por seu pai, o jovem general organiza seu exército e dá início a sua cruzada de conquista não só da Pérsia de Dario III, mas também de quase todo o mundo antigo conhecido até então.⁷

A partir desse momento, então, iremos analisar as táticas de dominação cultural e políticas, direcionando nosso foco de análise para o emprego da filosofia e estratégia militares inovadoras empregadas por Alexandre durante seu período de conquista. Tal processo de expansão será traçada em paralelo com a análise filosófica de estratégia militar presente na obra do general chinês Sun Tzu, *A Arte da Guerra*.

Alexandre e Sun Tzu: Um Paralelo Filosófico e Militar

A capacidade militar de Alexandre é sem dúvida tida como um dos pontos cruciais que facilitaram o breve sucesso que as conquistas do imperador macedônico alcançaram. Além do forte apelo cultural, suas noções de tática e disciplina são duas heranças para as nações posteriores. E no quesito militarismo, poucos são os teóricos e intelectuais dedicados a essa “arte”, como é o caso de Sun Tzu. De fato, as semelhanças entre as práticas militares de Alexandre em batalha e os ensinamentos encontrados em *A Arte da Guerra* são consideráveis, denotando a capacidade de apropriação da obra até mesmo em espacialidades e temporalidades distintas.

Os dados biográficos acerca da vida do general chinês Sun Tzu são escassos e poucos são os registros históricos sobre o mesmo que nos chegaram até os dias atuais, havendo apenas especulações e cruzamentos de estudos que calculam que o mesmo tenha vivido entre 544 e 496 a.C, sendo, desse modo, situadas durante o período da Dinastia Zhou (1046-256 a.C). Importante mencionar que tais estudos, ao situarem a possível vida de Sun Tzu dentro desse contexto na história chinesa, acabam por favorecer a tese de que o general tenha se inspirado pelo ideal reinante no Império Zhou sobre o chamado “Mandato do Céu”, onde o chefe de governo, no caso o rei, era tido como representante do Céu, o senhor e maior autoridade sobrenatural por entre todas as terras.

Desse modo, atuando como “Filho do Céu”, cabia ao monarca “[...] cuidar do bem-estar

⁷ Apesar da tenra idade, Alexandre já gozava de excelente fama por todo o território grego. Alguns teciam o seguinte comentário “Filipe era um grande general, mas Alexandre é simplesmente ‘grande!’” (PLUTARCO, 2009, p. 15). Um dos exemplos mais famosos das habilidades de Alexandre no campo de batalha se trata do confronto entre macedônios e gregos em Queroneia (338 a.C), que determinou a derrocada da Grécia e o início da dominação macedônica. Alexandre, no comando de suas 2.000 cavalarias, flanqueou pelo lado direito o centro macedônico junto com as falanges de Filipe e a infantaria de Parmênion, destronando a ofensiva grega. Segundo Plutarco, nenhum homem do contingente alexandrino foi morto, e o próprio teria saído ileso ao final do conflito (PLUTARCO, 2009, p. 17-18).

de seus súditos [...] e, como chefe de governo, que fosse o intermediário supremo entre o céu e a terra, e caso negligenciasse suas obrigações ou se tornasse corrupto, o Céu retiraria seu mandato e o concederia a outra pessoa” (GELBER, 2012, p. 33). Desse modo, os escritos filosóficos de Sun Tzu entrariam em consonância ao Mandato do Céu pelo fato do general chinês fazer do comandante, do líder do exército, o representante do Céu. Não obstante, o mesmo ainda diz em seu tratado que “[...] o general é o baluarte do Estado. Se o baluarte for completo em todos os pontos, o Estado será forte; se o baluarte for deficiente, o estado será fraco” (TZU, 2010, p. 30).

A priori, se não nos atentarmos para as cronologias do período de atividade do imperador macedônio (330-323 a.C) e da suposta data de publicação do livro de Tzu (variando entre os séculos V e VI a.C), podemos inferir se o imperador macedônico teve ou não contato com o referido tratado de estratégia militar. Entretanto, pela escassez de vestígios e de fontes que comprovem tal teoria, tal hipótese permanece em estado de estase até estudos mais aprofundados. Ainda sobre a tessitura da obra, estudos apontam que a mesma foi publicada no período de 518 a.C, assim como outros datam por mais ou menos em 400 a.C (logo após sua morte) seu período de circulação.

No primeiro caso, tem até sentido nos indagarmos se essa literatura chegou às mãos do imperador, já que este era um militante da cultura e de sua difusão. No segundo, podemos especular que os feitos de Alexandre se propagaram, chegando aos ouvidos de Sun Tzu. Este, inspirado, teria compilado, aprimorado e adicionado algumas regras a mais que a figura do general⁸ teria que seguir para alcançar o sucesso, até para atender alguma necessidade militar específica de sua nação de origem.

De forma mais objetiva, iremos nos basear em uma campanha específica das guerras de conquista de Alexandre e relacioná-la com a obra de Sun Tzu. A Batalha de Gaugamela⁹, em 331 a.C, foi a campanha militar de Alexandre que garantiu a legitimação que faltava ao jovem general macedônio para enfim assegurar seu domínio sobre os persas e até mesmo garantir a segurança do território macedônico e da Comunidade Grega presentes na Hélade.

A Arte da Guerra em Gaugamela

A Batalha de Gaugamela foi um embate entre as forças de Alexandre e Dario III, o Grande Rei¹⁰, que tinham por interesse conquistar e expandir seus domínios. Entretanto, o que torna esse conflito interessante é a atuação das tropas macedônicas: com um número

⁸ O general, adaptando para outros períodos históricos, refere-se ao comandante, o líder máximo em batalha, seja ele tido como um general, no sentido de ocupar o posto do mesmo, seja ele um rei, imperador, etc.

⁹ “Casa de camelo”, em tradução livre.

¹⁰ “[...] esse homem, ‘igual aos deuses’ que presidia os seus destinos. Ele era o sol em torno do qual a constelação de povos gravitava em círculos sempre mais amplos” (DROYSEN, 2010, p. 53). Tal ilustração acerca da figura administrativa e divina que os monarcas persas possuíam entre o seu séquito, demonstra um dos motivos principais do porquê das fileiras persas em Gaugamela entrarem em colapso após a fuga de Dario III. Sem seu líder, seu guia, seu “sol” para mostrar-lhes o caminho, os combatentes persas debandaram e se dispersaram no campo de batalha, facilitando a vitória da cavalaria macedônica naquele dia.

inferior de soldados e ferramentas de batalha (carros, animais, armas, etc), numa diferença aproximada de 1 para 5 em relação aos adversários, conseguiram vencer os persas, fazendo com que muitos batessem em retirada, devido a fuga do próprio Dario III, que foi fator desestimulante na permanência de seus soldados em campo de batalha. E é nesse contexto que podemos analisar a filosofia de Sun Tzu com o sucesso de Alexandre.

Figura 1 – Detalhe do Mosaico de Alexandre (século II a.C), retratando o general montando Bucéfalo na Batalha de Gaugamela (331 a.C)



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e1/Alexander_the_Great_mosaic.jpg> Acesso em: 02/02/2017.

Sun Tzu inicia o primeiro capítulo da “*Arte da Guerra*”, intitulado “*Preparação dos planos*”, tratando sobre cinco fatores cujo líder militar deve estar atento: a *Lei Moral*, o *Céu*, a *Terra*, o *Chefe* e *Método e disciplina*. “[...] A *Lei Moral* faz com que o povo fique de completo acordo com seu governante, levando-o a segui-lo sem se importar com sua própria vida, sem temer perigos; [...] O *Chefe* representa as virtudes da sabedoria, sinceridade, benevolência, coragem e retidão [...]” (TZU, 2010, p. 18, grifos do autor).

Alexandre poderia ser descrito como portador dessas características. Seus soldados eram muito mais que apenas meros aliados de guerra ou servidores do imperador. Tratavam seu comandante pelo próprio nome e o tinham como amigo, companheiro. Alexandre sempre estava à frente de seus soldados e nunca se isentava da guerra, mesmo que fosse para se efetivar apenas nos momentos mais cruciais. Lutava lado a lado de seus soldados, como qualquer outro guerreiro:

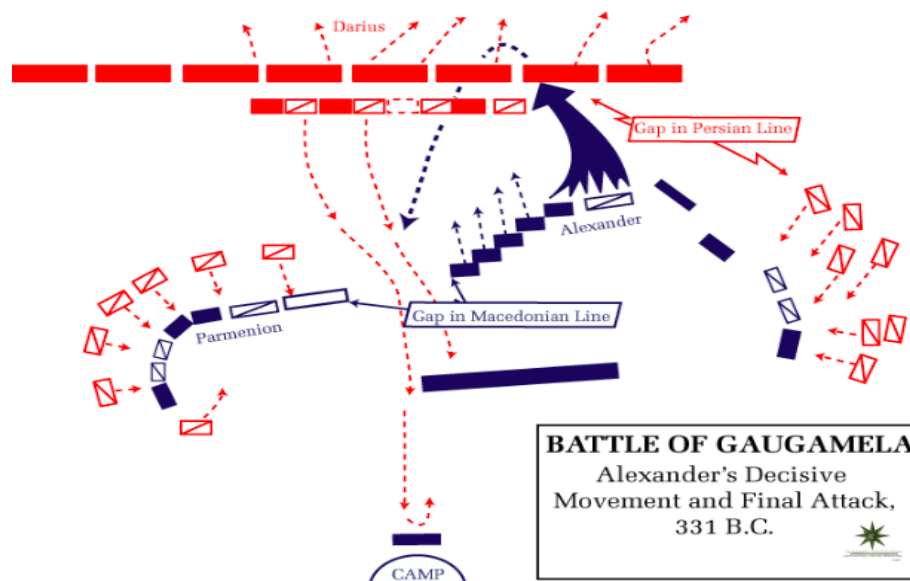
Ele [Alexandre] costumava dizer que se reconhecia mortal principalmente em duas coisas: em dormir e em gerar. Parecia querer dizer com isso que o trabalho e o prazer da volúpia com as mulheres procedem da mesma imbecilidade e fraqueza de natureza. [...] E era menos predisposto ao vinho do que parecia pelo fato de ficar à mesa durante longo tempo; mas o fazia mais para conversar do que para beber, pois, cada vez que bebia, travava

sempre antes uma comprida conversa, e ainda assim quando tinha grande lazer. Em tempo de negócios, não havia festim, nem banquete, nem jogo, nem núpcias, nem passatempos que o prendessem, como fizeram vários outros capitães. O que se pode facilmente conhecer pela brevidade de sua vida e pela grandeza e multidão dos altos feitos que praticou durante o tão pouco tempo em que viveu. [...] Quando estava de folga, de manhã, depois de se levantar, a primeira coisa que fazia era sacrificar aos deuses, e depois ia incontinentemente à mesa para almoçar; e passava todo o resto do dia ou caçando, ou compondo alguma coisa, ou pacificando alguma desinteligência entre os soldados, ou lendo. E, quando marchava pelos campos e não tinha muita pressa de voltar, exercitava-se percorrendo o lugar e atirando com o arco, ou subindo e descendo num carro, ou correndo. [...] Em suma, sua companhia e sua palestra eram assim as mais interessantes e mais agradáveis que jamais proporcionou algum rei ou príncipe; pois não lhe faltava graça, exceto quando se tornava um pouco importuno por suas gabolices, e tinha nisso muito do soldado gabolas que gosta de contar valentias. (PLUTARCO, 2009, p. 19-20, grifo nosso)

Em contraponto a Alexandre, o governante e líder do império persa, Dario III, não era dotado das atribuições essenciais que um líder deveria possuir segundo Sun Tzu. Por maior que fossem as tropas do líder persa, não havia essa identificação de seus soldados para com seu senhor (o que havia, era na verdade um culto empreendido ao caráter supostamente divino dos reis persas, mas não uma identificação calcada no carisma pessoal de Dario III ante suas tropas, como no caso de Alexandre), o que fragilizou sua campanha contra o general macedônio. A solidez do exército da Macedônia, composto em sua maioria por nativos da mesma, foi fundamental na manutenção dessa tropa em campo de batalha, diferente do contingente persa, formado por soldados das mais variadas regiões, que não necessariamente possuíam uma afeição pelo império pelo qual lutavam.

Durante a batalha, Dario começa a perceber o avanço das tropas alexandrinas e seu sucesso, e acaba por abandonar o comando de seu exército. Percebendo isto, seus soldados bateram em retirada, pois não fazia sentido morrer por um líder que não lutava por seus próprios propósitos. Não havia compromisso moral entre líder e tropa, além de não haver a imagem de um comandante forte o suficiente para liderar o exército (DROYSEN, 2010).

Figura 2 – Ilustração da estratégia ofensiva utilizada por Alexandre e sua cavalaria em apoio à infantaria de Parmênion contra o exército persa em Gaugamela



Fonte: <http://www.johndclare.net/AncientHistory/Alexander_Sources6.html> Acesso em: 02/02/2017.

Em o *Céu* e a *Terra*, as qualidades necessárias correspondem aos fatores naturais diante de uma guerra. Distâncias, espaços, terrenos; clima, temperatura, estações. O “*general*” deve saber conduzir suas tropas por quaisquer que sejam as condições, a partir de táticas bem elaboradas. O *Método* e a *disciplina* devem ser aliados do comandante. Nessas circunstâncias, Alexandre também se sobressaía sobre os demais. Durante a preparação para a batalha, ao ser informado a respeito da movimentação e posicionamento das tropas adversárias por seus batedores¹¹, Alexandre optou por partir à noite para o conflito, em um clima mais ameno para evitar o cansaço de ter que caminhar sob o forte sol (LONSDALE, 2007). Além disso, caminhar sob a escuridão para surpreender o inimigo desatencioso seria essencial para ficar em vantagem).

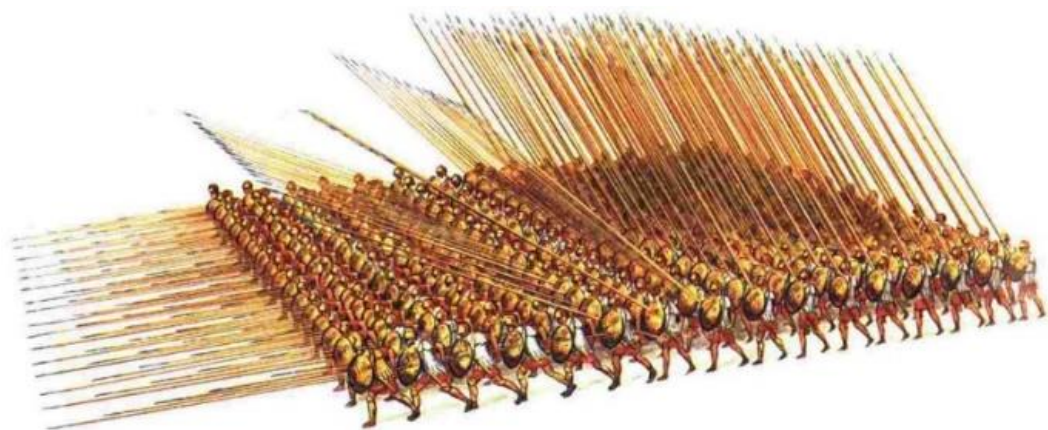
Para que tudo isso desse certo, seus soldados obedeciam às suas ordens, com silêncio, precisão e devoção, justamente o que faltou a Dario, que posteriormente foi morto por um de seus próprios generais (BOSWORTH, 1993; PLUTARCO, 2009). Sun Tzu deixa claro que “[...] O general é o sustentáculo do Estado: se o sustentáculo for forte em todos os aspectos, o Estado será forte; se está defeituoso, o Estado será fraco” (TZU, 2010, p. 27). “[...] Fingir desorganização e esmagá-lo [...]” (TZU, 2010, p. 20), foi o que ordenou Alexandre a um de seus contingentes, a famosa falange macedônica. Diante da ofensiva das bigas¹² persas, um

¹¹ Na obra de Sun Tzu, podemos comparar a figura do batedor como a de um espião “[...] Dessa maneira, apenas o governante esclarecido e o general criterioso usarão as mais bem-dotadas inteligências do exército para espionagem, obtendo, dessa forma, grandes resultados”. Além disso, “[...] os espiões são os elementos mais importantes de uma guerra, porque neles repousa a capacidade de movimentação de um exército”. (TZU, Sun, 2010, p. 22-23)

¹² Carros de guerra, com duas rodas e guiados por dois cavalos. Algumas, em suas rodas, apresentavam um componente em formato pontiagudo e cortante, que fatiavam as fileiras inimigas quando iam avançado pelo território inimigo.

pelotão ficou estático, em formação, esperando o avanço das mesmas até que, quando próximas, esse grupo se dividiu; uma parte para cada lado. Surpresos, os soldados que conduziam as bigas foram massacrados por uma saraivada de lanças, abatendo seu inimigo.

Figura 3 – Formação da falange macedônia



Fonte: <<http://www.museudeimagens.com.br/vitoriosa-falange-macedonia/>> Acesso em: 02/02/2017.

Nesse caso, eles se desorganizaram para poder esmagar o adversário (LONSDALE, 2007, p. 50-51; BOSWORTH, 1993, p. 79-80). No entanto, este excerto também se encaixaria: “Se suas forças estão unidas, separe-as. Ataque-o onde ele se mostrar despreparado, apareça quando não estiver sendo esperado” (TZU, 2010, p. 20).

[...] Se conhecemos o inimigo e a nós mesmos, não precisamos temer o resultado de uma centena de combates. Se nos conhecemos, mas não ao inimigo, para cada vitória sofreremos uma derrota. Se não nos conhecemos nem ao inimigo, sucumbiremos em todas as batalhas [...]” (TZU, 2010, p. 32). Por duas vezes, Dario fora derrotado e ainda assim não aprendera a lição com a primeira derrota, para evitar a segunda. Ou seja, não soube conhecer o inimigo – Alexandre -, não soube como neutralizá-lo. Talvez uma demasiada confiança na superioridade numérica de seu exército tenha nublado as decisões estratégicas de Dario e seus conselheiros no decorrer do conflito. Alexandre, por sua vez, foi capaz de conhecer seu inimigo no próprio campo de batalha. Suas manobras para desestruturar o adversário, para encontrar brechas, para dispersar as tropas persas e assim, por meio de pequenos espaços, perfurar a resistência inimiga e alcançar o sucesso. Pois ele já conhecia a si mesmo, o que era capaz de fazer e como fazer. Dario foi para uma guerra fundamentado na superioridade material; Alexandre uniu o físico ao intelectual. Fez da batalha uma verdadeira arte, a Arte da Guerra.

Alexandre , o Grande e seu Império Helenístico

Após sair vitorioso em Gaugamela, Alexandre consolida o Império Macedônio de forma unitária e o expande em direção à Ásia Menor, ao Egito, passando pelas cordilheiras do Hindu Kush, até chegar aos confins da Índia. O processo de expansão iniciado por Filipe que consistia na “[...] criação de novos cidadãos gregos e outros nas regiões conquistadas e pela urbanização do seu interior rural – demonstrando sua capacidade para uma expansão territorial expandida” (ANDERSON, 1987, p. 45) foi aperfeiçoado por Alexandre a tal ponto que o mesmo criou centros de disseminação cultural, as chamadas Alexandrias.

Num total de 18 cidades, esses centros helênicos foram responsáveis pela educação da jovem nobreza macedônia e das aristocracias locais submetidas ao julgo do Império Macedônico. O objetivo de Alexandre era unificar cada vez mais a maior quantidade de povos possíveis, com o intuito de estabelecer uma civilização helênica baseada essencialmente nos valores gregos da época clássica, sem, entretanto, extinguir as crenças, a organização política ou social das populações sob seu protetorado, como pode ser descrito em um dos relatos tardios sobre a fundação da Alexandria egípcia:

Chegando a Canopo [cidade portuária egípcia, situada na região oeste ao Delta do Nilo], e tendo circundado o lago Mareótis ele desembraca lá onde foi fundada a atual cidade de Alexandria, a qual deve seu nome a Alexandre. Pareceu-lhe que o lugar era muito bonito para fundar uma cidade e que ela iria prosperar. A vontade colocar mãos à obra, fez com que ele próprio traçasse o plano da cidade, o local da Ágora, dos santuários dos deuses (deuses gregos e **da Ísis egípcia**) e do muro externo. Ofereceu sacrifícios pelos projetos, sendo as vítimas favoráveis. [...] Os adivinhos, em particular Aristandras e Telmissa, dos quais se diz serem verdadeiras as previsões feitas a Alexandre, acrescentaram mesmo que esta cidade seria rica, sobretudo por causa dos produtos da terra. (ARRIANO, III, p. 5-6 *apud* PINSKY, 2012, p. 123, grifo nosso)

O próprio general macedônio assimilou vários costumes orientais, e sua intenção máxima de unir gregos e “bárbaros” foi confirmada quando ele tomou como esposa a princesa Roxana de Bactria (atual território do Afeganistão). Alexandre também estimulou o casamento entre gregos e orientais e usou seus generais, além de si próprio, como exemplo de construção de uma nova civilização baseada na aliança, respeito e convivência cultural harmônica. O “novo” império helênico criado por Alexandre era um apanhado de diferentes povos, culturas, crenças e nações, que unidos sob uma única bandeira marcharam com seu líder até os limites do mundo antigo (LÉVÊQUE, 1987).

Alexandre também estimulou o casamento entre gregos e orientais e usou seus generais, além de si próprio, como exemplo de construção de uma nova civilização baseada na aliança, respeito e convivência cultural harmônica. O “novo” império helênico criado por Alexandre era um apanhado de diferentes povos, culturas, crenças e nações, que unidos sob uma única bandeira marcharam com seu líder até os limites do mundo antigo:

Os Estados helênicos eram criações híbridas, que, no entanto, deram forma

a todo o modelo histórico do Mediterrâneo oriental pelos séculos que seguiram. Por um lado, elas dominavam o mais grandioso surgimento das cidades-Estado visto até então na Antiguidade Clássica: grandes cidades gregas se disseminavam, por iniciativa espontânea ou patrocínio real, pelo Oriente Próximo, daí em diante a região mais densamente habitada do mundo antigo, e helenizando solidamente as classes governantes locais onde estivessem. (ANDERSON, 1987, p. 46)

Um outro fator a se destacar era o fato de as conquistas de Alexandre não serem seguidas por uma escravização em massa dos povos subjugados. Em contraste com o sistema escravista predominante no mundo grego clássico, a nova saída encontrada para os Estados helênicos foi encontrada nas relações agrárias predominantes nas localidades dominadas, onde as terras de pastoril e colheitas eram associadas aos camponeses locais que retiravam dali seu sustento e a maior parte dos impostos destinados ao Império (FINLEY, 1978).

Como bem frisa Perry Anderson a “[...]. A escravidão rural nunca havia sido economicamente muito importante. As pretensões reais a um monopólio da terra vinham de há séculos. Os novos Estados helênicos herdaram este modelo, bastante estranho ao da pátria grega, e o preservaram com pouca alteração. (ANDERSON, 1987, p. 47). Por fim, fica bastante clara a posição de Alexandre quanto o método de tratamento destinado aos povos conquistados. O gigantesco trabalho de integração empreendido pelo jovem imperador resultou em mais do que a simples conservação dos territórios anexados: graças a ele, desenvolveram-se o intercâmbio comercial com outros povos e fortaleceu-se o poder imperial, o que proporcionou as cidades gregas um enorme montante de ouro.

Entretanto, a política conciliadora de Alexandre em relação aos orientais scandalizou seus companheiros, a tal ponto que inúmeras conjurações surgiram com intuito de atentar contra a vida do rei macedônio. Educado em sua infância por Aristóteles, não seguiu à risca o ensinamento do mestre “[...] trate os gregos como amigos e aos bárbaros como animais e plantas [...]” (PLUTARCO, 2009, p. 10) e desencadeou uma evasão nas fileiras de seu exército, fato que posteriormente foi punido com a prisão e execução dos líderes da insurreição.

O Império Macedônio de caráter unitário surgido e instituído por Alexandre após a vitória decisiva em Gaugamela, não sobreviveu à precoce morte do mesmo em 323 a.C, quando este sucumbiu perante uma forte febre. Seu Império foi dividido entre quatro de seus partidários: o Egito com Ptolomeu; a Grécia com Cassandro; Lisímaco com Trácia e a Ásia Menor e, finalmente, Seleuco com a região da Mesopotâmia, acelerando o processo de desintegração do mundo helênico construído por Alexandre.

Conclusão

Apresentamos o conceito de “imperialismo” que marcou a administração de Alexandre

no mundo antigo, que baseado essencialmente nas políticas de conciliação e de alianças entre os territórios incorporados ao domínio macedônio, ilustrou bastante o gênio político que o jovem general possuía, aliado à visão de um mundo unitário, coeso e culturalmente influente sob o julgo de apenas um único homem.

A filosofia de Alexandre, aliada à sua genialidade estratégica militar, perpassa por uma análise das características principais que um líder deve possuir, de modo que seja um comandante valoroso e respeitado ante suas tropas, na visão e no diálogo com a obra do general e estrategista militar chinês Sun Tzu, *A Arte da Guerra*, estabelecemos um método comparativo das ações de Alexandre enquanto líder no campo de batalha, juntamente com a personalidade carismática que um verdadeiro líder deve possuir de modo que tenha sucesso em suas campanhas. A construção e a consolidação do Império Unitário estabelecido após a capitulação persa em Gaugamela, foi descrita como inovadora, tendo Alexandre investido pesadamente na relação amigável e respeitosa entre as populações derrotadas.

A construção dos centros difusores da cultura grega – as Alexandrias – foi um fator essencial para que as relações econômicas, políticas e culturais fossem mantidas e ampliadas de tal forma que o nome do imperador Macedônio fosse conhecido até as planícies fluviais do Indo. A nova concepção de “Império” criada por Alexandre, acabou por mostrar, ainda que brevemente, um exemplo de disciplina, visão e tato político em relação a como um povo pequeno, rural e considerado “primitivo” pelos seus contemporâneos, quando organizado e unido sob a liderança de uma figura carismática e forte o suficiente para manter tal unidade – primeiramente Filipe e depois de seu filho – pôde conquistar e expandir sua cultura entre três quartos do mundo antigo.

Fontes citadas

- DROYSEN Johann [1833-1834]. Alexandre, o Grande. Trad. Regina Schopke; Mauro Baladi. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.
- PLUTARCO. Vidas Paralelas: Alexandre & César. Tradução: Carlos Chaves. Porto Alegre: L&PM Ed, 2009.
- TZU, Sun. A Arte da Guerra. Trad. José Sanz. 42º ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

Referências

- ANDERSON, Perry. Passagens da Antiguidade ao Feudalismo. Trad. Beatriz Sidou. 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- ARAUJO, Gabriel da Silva; PEREIRA, Daniela Nunes Pego. Religião e política: Alexandre, o grande e sua legitimação religiosa no Egito sob o olhar da iconografia monetária. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade de Santo Amaro, São Paulo, 2013. Disponível em: <
https://www.academia.edu/12389124/Religi%C3%A3o_e_Pol%C3%ADtica_Alexandre

[o Grande e sua legítima herança religiosa no Egito sob o olhar da iconografia monetária](#). Acesso em: 08/02/2017.

BOSWORTH, A.B. *Conquest and Empire*. Cambridge University Press, 1993.

CUNHA, Beatriz Aires Fernandes; MODANEZ, Henrique. “Le roi est mort”: o debate historiográfico sobre as causas da morte de Alexandre Magno na Babilônia, em 323 a.C. In: *Aletheia: revista de estudos sobre Antiguidade e Medievo*, vol.8, São Paulo, nº 1, agosto/dezembro de 2013, p. 101-113. Disponível em: <<https://incubadora.ufrn.br/index.php/aletheia/article/view/765/666>>. Acesso em: 02/02/2017.

DROYSEN Johann [1833-1834]. *Alexandre, o Grande*. Trad. Regina Schopke; Mauro Baladi. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

FINLEY, Moses I. *Os Gregos Antigos*. Lisboa: Edições 70, 1963.

GELBER, Harry G. *O Dragão e os demônios estrangeiros - A China e o mundo de 1100 a.C aos dias atuais*. Trad.: Marisa Motta. Rio de Janeiro: Record, 2012.

_____. *Empire in the Greco-Roman World*. Beverly Hills, Sage Publications, 1978.

GUARINELLO, Luiz Norberto. *Imperialismo Greco-Romano*. 2ªed. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *História Antiga*. São Paulo: Contexto, 2013.

LÉVÊQUE, Pierre. *O Mundo Helenístico*. Trad. Teresa Meneses. Lisboa: Edições 70, 1987.

LONSDALE, David J. *Alexander the Great: Lessons in strategy*. Taylor & Francis e-Library, 2007.

PINSKY, Jaime. *100 Textos de História Antiga*. Seleção, organização e introdução de Jaime Pinsky. 10ªed. São Paulo: Contexto, 2012.